



O Gaiato



PORTE
PAGO

Quinzenário

10 de Março de 1990

Ano XLVII — Nº 1200 — Preço 20\$00

Propriedade da Obra da Rua

Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes

Fundador: Padre Américo

Aniversário d'O GAIATO

O jornal O GAIATO nasceu em 4 de Março de 1944. Faz, pois, 46 anos.

Que dizer deste ramo da Obra da Rua? Pai Américo desejou-o ardentemente. Preparou o seu nascimento, em contacto muito intenso com a vida dos Pobres a partir do Evangelho. Quem vive tem necessidade de comunicar. Quem muito ama não guarda para si os dons que tem; põe, antes, a sua felicidade na partilha.

O GAIATO é o mensageiro desta doutrina. Faz-se canal da sabedoria colhida nas verdades eternas e experimentada no viver diário. Responde, por isso, às almas inquietas na busca do sentido da vida que nunca pode ter como meta os bens deste mundo. Ele alimenta; ergue e põe desassossego onde não há correspondência a todos os dons recebidos. Ao longo dos anos, tem sido ponto de referência para o exame de consciência de muitos leitores.

Pelos testemunhos recebidos vão-se-nos abrindo, sempre mais, os olhos para a responsabilidade que pesa sobre os que mais directamente estão ligados à feitura d'O GAIATO. Não é possível contabilizar as almas que viram a luz; as desgraças evitadas; as dores curadas; os crimes impedidos; os ateus convertidos; os corações reconciliados.

Como? Ao escrever estas notas, pedidas insistentemente pelo Júlio Mendes, dou conta da pobreza dos instrumentos que fazem O GAIATO. É gerado, quinzenalmente, em dor, prenúncio da alegria de ver a vida, em fio de água, a levar lenitivo às consciências que querem ser formadas à luz de princípios certos e universais.

Quantas mudanças de rumo!/? Quantas sacudidas!/? São pessoas que acordam da sonolência do dia a dia, preocupadas apenas consigo mesmas, com os seus problemas e anseios, voltando-se para o mundo dos Pobres com suas necessidades conhecidas e encobertas. São pessoas que gostam de ler O GAIATO de ponta-a-ponta e, quando terminam,

ficam cheias de tristeza e contentamento, com vontade de fazer alguma coisa, sem saber bem o quê e como. É verdade que podem repartir algo material, mas interrogam-se: será isto o suficiente? É a bênção da inquietação que o pequeno *desordeiro* leva a quem o lê. Só por isso vale a pena!

Esta corrente de dentro para fora e de fora para dentro explica o interesse sempre renovado pel'O GAIATO que nos confunde e nos faz mergulhar na verdade vivida e comunicada por Pai Américo: «Os padres da rua só podem crescer e caminhar, na medida em que se convençam das maravilhas que Deus opera pelas suas passadas e as preguem ao mundo».

O púlpito é O GAIATO. Por isso, quando nos perguntam o preço, a resposta é sempre a mesma: ler, ler... O resto virá por acréscimo.

Padre Manuel António



Esta preciosa obra que saiu das mãos do Neca, um artista, e que enfeita a sala de entrada da casa-mãe, em Paço de Sousa, é um símbolo vivo d'O GAIATO—apregoado pelos gaiatos.

Convenção Internacional dos Direitos da Criança

«Começo a ler os quarenta e dois artigos da Convenção...», dizia eu a abrir esta local na derradeira edição d'O GAIATO. Não sei se terei fôlego para ir até ao fim nem se valerá a pena num jornal da índole do nosso, tanto mais que a doutrina expressa no documento em análise é, essencialmente, a que foi sintetizada na Declaração de 1959.

Todavia, assim como o objectivo da presente Convenção é mover Estados e Nações ao compromisso de pôr em prática a doutrina de todos conhecida e reconhecida como imperativa e urgente, assim também o meu objectivo é não deixar cair em cesto roto tão momentoso problema, tanto mais que ainda o não vi tratado pela nossa comunicação social.

A fonte de informação de que me tenho servido é brasileira, o semanário da Arquidiocese de S. Paulo, que, em sua edição de 24 a 29 de Novembro passado, está em cima do acontecimento que foi a assinatura da Convenção e o conhecimento dela dado pela ONU, quatro dias antes. Será porque no Brasil o problema dos menores à deriva se mede por números colossais, aterradoros?!... Ao menos, parece haver consciência disso! E entre nós, não será semelhantemente, na proporção da nossa pequenez?!... E a consciência disso?...

Ora aqui está porque insisto no assunto, sem muito ter de novo, nem preparação para dizer. O meu motivo é alertar Estado e Nação, mais esta do que aquele, que os Estados sofrem geralmente de surdez congénita, mas sempre hão-de ouvir se formos muitos — a Nação — a gritar-lhe o S.O.S. Procuramos assim cumprir, na vez do próprio Estado, «a obrigação» que o art. 42.º lhe comete, de «dar a conhecer amplamente os princípios e disposições da Convenção, através dos meios eficazes e apropriados, tanto aos adultos como às crianças».

O art.º 3.º da Convenção enuncia um princípio que reputo absolutamente fundamental — o da **prioridade**: «Todas as medidas dirigidas à criança devem considerar o

PATRIMÓNIO DOS POBRES

Fui dois dias por aí acima à procura de Pobres e de suas situações, especialmente as condições de habitação.

Temos obrigação de procurar cumprir o conselho de alguns dos nossos Bispos: «Vós, padres da rua, tendes a missão de revelar os Pobres; eles também são Igreja e, por vezes, ficam muito esquecidos de todos».

O primeiro encontro da manhã encheu-me a alma. Aquela irmã deu-me o testemunho que mais a impressionou na sua vida de doação. Padre Américo, ao entregar-lhes a casa de habitação, ergueu as mãos e rogou a Deus que o podia levar, pois já deixava naquele bairro quem amasse os Pobres.

Foi este o tema da minha meditação na reunião de padres daquela zona pastoral. Amar os Pobres.

Com alguns sacerdotes visitámos muitas famílias. Muitas famílias pobres. Algumas, em casas aconchegadinhas. Outras, em autênticos pardieiros e currais abandonados. Os párocos iam animando e encorajando os mais desalentados. Fizemos promessas de estímulo. Recebemos palavras de esperança.

Numa das vilas, o pároco, com muita tristeza, referiu várias situações familiares que muito o preocupam. Disse-me de família numerosa a viver num *casinhoto imundo*. Outra família com muitos filhos pequenos a viver num sótão. Famílias que não têm simpatia dos habitantes da aldeia. Já têm procurado soluções, mas ainda nada feito.

Pegamos na carrinha e fomos estrada fora. À entrada da aldeia há casas lindas. Logo a seguir, a capela

mostra boa conservação. Seguimos rua abaixo até ao *casinhoto*. O dia era de chuva e o ambiente exterior de lama e esterco. O nosso calçado ficou bem marcado.

Muito a custo conseguimos subir. Santo Deus, o que os nossos olhos tiveram de ver! Tanta escuridão! Tantos farrapos pelo chão! Tanta sujidade nos restos de tábuas do soalho! Tantos buracos nas paredes! Tantas telhas partidas e pingas para cima de tudo! Tanta miséria! Naquele antro tem de viver uma grande família. O dono que é pai e avô. Um filho. Uma filha solteira com vários filhos e agora cancerosa, com a filha mais velha atrasada mental e já com dois filhinhos. Nunca na minha vida tinha visto um quadro familiar assim tão miserável.

Continua na página 3

Continua na página 3

PELAS CASAS DO GAIATO

Conferência de Paço de Sousa

• É um homem do campo. Não tem ninguém... e as suas fraquezas seriam bem maiores — se não lhe acudíssemos. Vítima da marginalidade, desde a meninice, que deixou marcas difíceis de sarar.

Em tempo, acolhemo-lo numa moradia do Património dos Pobres, já que no próximo futuro talvez fosse mais um abarracado.

No caso vertente, ele não tinha capacidade, inclusivé, para se inscrever na Segurança Social! Foi trabalho árduo para o motivar, pior ainda para se concretizar a sugestão. Que seria dele sem Providência? Em último recurso vimonos forçados a suprir, materialmente, os respectivos descontos mensais — 4.000\$00.

Aliás, para além doutras ajudas, temos sempre o cuidado de procurar para esta classe de gente os benefícios da Segurança Social, como é óbvio. Acção prioritária para todos os recoveiros dos Pobres!

• Não descaramos a conservação das moradias do Património dos Pobres. Curiosamente, se o utente pode dar a mão, não a rejeitamos. Ainda agora assim aconteceu. O casal lamentava a infiltração de humidade. Sugerimos que procurassem um trolha. Reparou as telhas. Noutra parte do prédio, combinaram a solução: pequenina valeta rente à parede.

Responsabilizámos as gentes, pela pequenina obra. Maneira simples e pedagógica de terem gosto pela residência que não é só deles — mas Património dos Pobres.

PARTILHA — «Uma alentejana» pede «uma oração pela alma dos seus queridos mortos» e estende os braços com 5.000\$00. «Uma portuense qualquer» mantém a perversança e manda mil escudos, «migalhinha relativa ao mês de Janeiro». O mesmo, de uma anónima. Assinante 26471 com dois mil: «Um, referente ao mês de Janeiro e Fevereiro; outro, destina-se a uma senhora idosa e doente». Seis contos, da «Avó de Sintra», para a «família do costume». De Santa Cruz do Douro, «o cheque do costume». Assinante 23618, cinco mil. «Manel de Braga», quatro contos e esta notícia: «Estava na igreja e o sacerdote referiu, na homília, que o cristão deve ajudar os pobres, os órfãos e viúvas. Se assim fizer, está no bom caminho». Agora, vem lá a assinante 17381, de Coimbra, com cinco mil, sofrendo a viuvez e reconhecendo a situação doutras, mais pobres: «Quando leio, n'O Gaiato, o rol de amarguras por que

passam as viúvas, nunca pensei que de tanta ajuda precisassem. Meu Deus!, quantas nem sabem para que lado se virar, num rol de confusões e injustiças que se praticam no nosso País!» E revela o seu caso pessoal, tão doloroso! Fecha a procissão o casal amigo, do Fundão, com 6.000\$00.

Em nome dos Pobres, muito obrigado.

Júlio Mendes

PAÇO DE SOUSA

RETIRO — Mais uma vez um grupo de jovens, da nossa Casa, fez um Retiro no Oásis, em Ermesinde.

Um curso de espiritualidade, no qual se desenvolveram três temas: Humildade, Santidade e Sim a Deus.

Gostámos imenso dos temas em reflexão; e também de conhecer novos amigos de várias partes do Norte, os animadores que nos ajudaram, dos quais destacamos a Maria de Fátima, do grupo 5.

Já estamos a pensar no próximo Retiro.

DESPORTO — Realizámos mais um desafio de futebol em 18 de Fevereiro, que vencemos por três bolas a duas, já com novo treinador.

VINHA — Na segunda-feira, 19 de Fevereiro, uma máquina retroscavadora começou a destruir a plantação das macieiras que já tinham 7 anos e não davam maçãs.

Segundo informação colhida, a escavação no pomar será para uma plantação de vinha.

CASO — Um nosso companheiro fez uma aventura muito arriscada.

Como é aferroado por carros e ansioso por ter carta, no domingo dia 11 de Fevereiro, de manhã, resolveu pegar na carrinha e sair pelos portões. Uns quilómetros depois ocorreu um acidente. Não houve vítimas, mas danos materiais.

O respectivo castigo já lhe foi aplicado por ter pegado no veículo sem autorização.

Esperamos que, um dia, mais tarde, consiga tirar a carta e conduzir 24 horas diárias, encartado.

Vítor Luís Alves (Andorinha)

MIRANDA DO CORVO

DESPORTO — Aproxima-se mais um Torneio e a nossa equipa continua a preparar-se fisicamente e tacticamente.

O equipamento vai-se deteriorando. Por isso, pedimos aos leitores que tenham sapatilhas, chuteiras e bolas, que já não usem, para nos oferecer. Agradecemos antecipadamente. Fica mais um alerta: se houver um grupo interessado em jogar um desafio de futebol connosco, faça o favor de telefonar para o 52125.

CARAS NOVAS — Não têm chegado muitas. Na semana passada veio um rapazinho, de Anadia, o Nuno Rafael. Tem dez anos, anda na primeira classe. Esperamos que entre com o pé direito, nesta sua nova família.

NOVIDADE — Em 16 de Fevereiro assistimos à exibição de duas cassetes de

vídeo sobre as Bodas d'Ouro da Obra da Rua. Estão bonitas! No fim, alguns rapazes mais velhos deram a sua opinião sobre a filmagem.

OBRAS — O sr. João e o Rui, ajudante, procedem à pintura da caixilharia. Fica tudo com excelente aspecto.

O sr. António, o filho e alguns rapazes andam ocupados na canalização da água para aquecimento das escolas.

GADO — Ultimamente morreu uma porca, mas o resto do gado está em boa forma, como aliás os seus tratadores.

Ângelo

SETUBAL

POBRES — Tenho reparado que à nossa porta, no Lar de Setúbal, vem muita gente pedir, em especial à quinta-feira.

São muitas pessoas e muitas vezes o que temos mal chega para toda a gente. Um Pobre disse-me: «Já não há interesse pelos Pobres!». Nós tratamos deles da melhor maneira, pois também somos pobres.

Amigo(a) leitor(a), veja se à sua porta há um Pobre à sua espera, não o despreze, mas ajude-o, porque «não faças a ninguém aquilo que não queres que façam a ti. Reparte o teu pão com os indigentes e agasalha com as tuas vestes os que não têm com que se cobrir...»

Ninguém se pode julgar cristão sem fazer sacrifícios.

É esta a mensagem que deixo aos nossos leitores neste tempo pascal.

DESPORTO — Começámos 1990 com muitas experiências tácticas e ideias novas, os treinadores mudaram posições, rectificaram lugares e a experiência está dando certo.

Defrontámos os convivas e vencemos, com toda a naturalidade, por 7-2. Depois do teste era outro, um tipo «vingança» do nosso adversário, pois no seu terreno nunca nos tinham vencido, e nós não voltámos a fugir à regra e vencemos por 4-1 a equipa de casados. Os mais jovens também tiveram o seu teste, e venceram por 5-3 os pupilos do Maia. Ainda temos mais três jogos no nosso calendário.

Martinho

TOJAL

OVELHAS — Das nossas 10 ovelhas já nasceram 3 cabritos, mas um deles morreu.

VACAS — A vacaria cada dia começa a ser mais pequena, pois nasceram mais dois vitelos.

PORCOS — Como as pocilgas já se encontravam superlotadas começámos a vender alguns porcos.

CAPELA — A pedra para a pia baptismal já se encontra no seu lugar. A capela está a ficar bonita!

OFERTA — No mês passado recebemos aqui uma oferta de uma senhora que anonimamente entregou alguns X-Actos para os estudantes enriquecerem os seus trabalhos em educação visual e em trabalhos oficinais.

FUTEBOL — No passado dia 18 tivemos um jogo com antigos gaiatos. Perdemos por 8-3. A nossa equipa é, neste momento, um grupo muito jovem mas todos nós acreditamos nos frutos a curto prazo. Precisamos é de trabalhar muito.

Um antigo gaiato, desta Casa, ofereceu uma caixa de equipamentos e mais 3 bolas de futebol; e um senhor também trouxe um par de luvas.

Luís Fontes

LAR DO PORTO

CONFERÊNCIA DE S. FRANCISCO DE ASSIS — Dirigimo-nos a vós pretendendo alertar-vos para o quão necessária é a vossa ajuda para juntos conseguirmos sanar, ou pelo menos, minorar o sofrimento dos mais desfavorecidos.

Nós sabemos que dentro das vossas possibilidades nunca deixais de corresponder ao nosso apelo pois generosamente já destes provas disso, prescindindo sempre de algo em prol de um irmão necessitado. Por isso, a nossa eterna gratidão e que Deus vos recompense com o dobro.

Na verdade, são tantos os casos que, infelizmente, todos os dias se depa-ram: lares desfeitos pelo abandono de um dos cônjuges, pais que abandonaram os seus filhos, alguém que num último e penoso esforço recorre à nossa caridade para ao menos no seu último momento ter alguém que lhe dê calor e

carinho. São muitos os que não têm um lugar para viver e que revelam carências de ordem material e afectiva. Mais triste é quando os mais pequenos não têm acesso a nutrientes valiosos e imprescindíveis para o seu completo desenvolvimento, nem são instruídos e orientados para o futuro.

Em consequência de toda esta miséria, surgem ainda males repugnáveis para a sociedade como a criminalidade, a ignorância, investidas contra o decoro moral, etc.

É no sentido de banir essa miséria e de reduzir o sofrimento dos atingidos que sempre empenhamos os nossos esforços, mas, como deveis imaginar, são tantos os que necessitam da nossa assistência, que os nossos recursos rapidamente se esgotam, tornando-se difícil socorrer e satisfazer todas as solicitações. Por isso recorremos a vós para que, com a vossa ajuda, seja possível criar um novo alento, uma esperança que, por mais pequena que seja, significará imenso para alguém que, carente de afecto e de uma perspectiva de vida, se libertará da angústia e do desespero, constatando que, apesar de tudo, vale a pena viver e lutar por uma vida cada vez melhor, pois neste mundo nem tudo é mau.

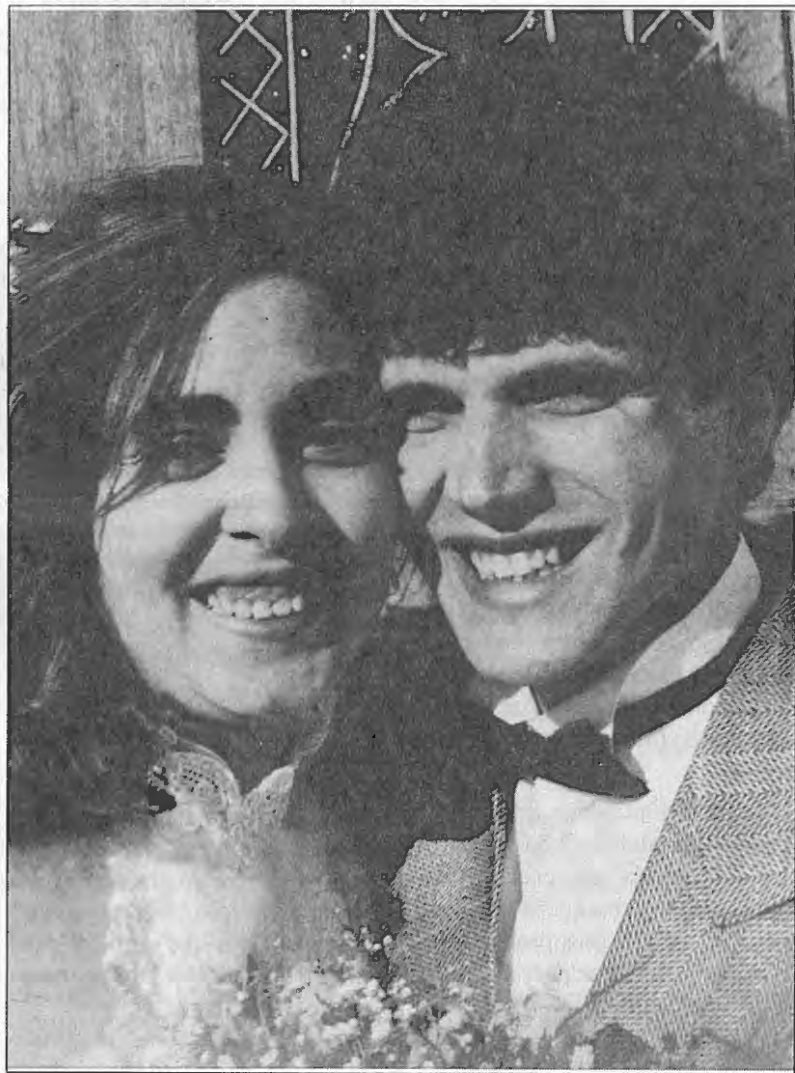
Como Pai Américo nos diz: «Não, a Humanidade não é ainda matéria falida».

«O que é preciso é que se erga perante eles um ideal mais alto de beleza moral, de justiça e de caridade».

«... logo aparece alguém a chorar com os que choram... e a limpar com carinho as chagas purulentas de irmãos nossos».

P.S. Ao nosso assinante 35819 de Bremhaven se esclarece que o seu donativo de 200 marcos apareceu por 200\$00 por gralha tipográfica. Aproveitamos para agradecer a nova remessa da mesma quantia que há pouco recebemos.

Casal Vicentino



Casamento da Isabel e do Nave, que foi da Casa do Gaiato de Paço de Sousa.

IMPORTANTE

Sempre que o Leitor escreva para as nossas Casas—por mor d'O GAIATO ou de livros da Editorial—faça o favor de indicar o número da assinatura e o nome e endereço em que recebe as nossas edições.

Convenção Internacional dos Direitos da Criança

Cont. da 1.ª página

interesse da criança como prioridade, tomam em conta suas opiniões. Compete ao Estado assegurar protecção e cuidados, com leis e decisões adequadas, exigindo seriedade nas entidades de atendimento e protecção para não haver abusos e irregularidades».

Quer dizer: Toda a legislação para defesa da criança e garantia dos seus direitos não se inscreve no mundo das leis como um mero capítulo visando a harmonia do conjunto. É verdade que, se for bem lograda, contribuirá para isso mesmo! Mas para tal, na sua concepção, tem de ser tratada como um naipe próprio, com a autonomia de um solo na tessitura de uma sinfonia. Pode, ao ser esboçado, colidir com outros naves... Pois bem; não se procure ultrapassar a contrariedade por uma prematura tentativa de conciliação de interesses aparentemente opostos que afecte o interesse da criança. Este tem prioridade e será sempre o último a sacrificar. Todos os demais direitos devem ceder o passo ao direito da criança. E estabelecido este, depois de re-estabelecer os outros em função desta prioridade, só então se poderá, conscienciosamente, buscar algum acerto no sentido da melhor harmonia possível.

Não tem sido assim. Entre nós, pelo menos, não tem sido assim. Não é este o espírito que sopra no aparelho jurídico — «leis e entidades de atendimento e protecção» de que e quem haviam de emanar as «decisões adequadas» e urgentes que reclama a criança ferida nos seus direitos. Por isso tão falho de vida o aparelho, tão pouco oportuno, tão ineficaz! Existe, mas habitualmente em estado de avaria. Não será porque busca o seu dinamismo em fonte inquinada: em vez do interesse prioritário da criança como princípio e fim, sua razão de ser, proclama a defesa desse interesse como fim, mas parte de um princípio de sinal contrário, o da posterioridade?

Esta é a ideia que a experiência de quarenta anos me gerou dos Serviços Jurisdicionais de Menores: Um sistema regulador dos direitos de propriedade dos adultos sobre a criança, antes e mais do que a salvaguarda do interesse desta acima de tudo.

Parece não termos adiantado muito daquele estádio da humanidade em que «as crianças figuravam nas leis como propriedade dos pais» — conceito em evolução, vai em dois séculos; evolução que já em 1924 produziu a Declaração de Genebra que uma vez mais reproduz: «A criança merece o melhor que a humanidade tem para dar». Bastará esta bela afirmação sem avançar até às suas últimas consequências?!

Dir-me-ão que as leis são boas, que há boas leis para defender os direitos da criança. Não duvido da boa intenção de quem as fez. Admito a sua teórica perfeição, mas também que são perfectíveis. Porém, terão bebido o seu espírito neste princípio da prioridade (sempre)

do interesse da criança? Estarão libertas de equívocos de que o legislador, na calma do seu gabinete, não se apercebe, mas que apreenderia com o contributo de quem anda na maré viva dos dramas que a lei pretende prevenir e remediar? Não faltará realismo na sua adequação à sociedade a que se destinam, falta nascida, às vezes, de uma demasiada inspiração em leis paralelas para realidades sociais diferentes? Serão aptas à resposta decidida e rápida que é devida à diversidade dos casos de violação de direitos que se apresentam?

Estas interrogações não provêm de pura reflexão. Reflectem, sim, desabafos recebidos, inquietações partilhadas, em contactos havidos ao longo de quarenta anos com os raros do sector em causa que assumiam a sua função como missão.

«Leis e decisões adequadas», eis o primeiro ponto de preocupação para o Estado no cumprimento do seu dever de «assegurar protecção e cuidados» à criança. Se não estão servindo quanto devia ser, rasgue-as e faça melhor.

Mas a fecundidade delas sempre dependerá muito do seu uso pelas «entidades de atendimento e protecção». Aqui não deveria haver carreiras, mas vocações. Se assim fosse, seria leve para o Estado o segundo ponto de preocupação: a «exigência de seriedade nas ditas entidades para não haver abusos e irregularidades».

Padre Carlos

Aqui, Lisboa!

«O GAIATO É UM SEMEADOR». «Quem pode dizer o que ele diz às almas?! Eu não. E mais uma grande parte do seu espaço é coberto pela minha letra! Eu sei o que digo; eu sei o que escrevo; mas não sei como ele fala aos que esperam quinquenalmente. É um mistério. Todas as cores, todos os credos, todas as posições; em todas as casas entra O GAIATO e sendo ele um e o mesmo, não é o mesmo para todos. Mistério!» (Pai Américo)

O GAIATO faz anos e o seu número de aniversário pertence quase exclusivamente aos leitores, por direito próprio, diremos. Sendo assim, entre as centenas de cartas recebidas ao longo do ano, seleccionámos três.

A primeira vem dum jovem, de 18 anos, oriundo duma família que muito estimamos, sem conhecermos pessoalmente, aliás, qualquer dos seus membros. Reza assim: «Tenho 18 anos e tive agora acesso ao meu primeiro livro de cheques. Como reconheço o valor da grande Obra que é a Casa do Gaiato, achei justo brindar a minha caderneta bancária, estreando-a de forma bastante significativa. Embora a quantia seja pequena, por ser proporcional à minha «fortuna», é com imenso gosto que a envio». Pelos frutos se conhecem as árvores e, a avaliar pelos antecedentes, tudo leva a concluir estarmos ante um lar onde os valores estão bem presentes. Obrigado Luís!

A segunda carta, também muito curta, assinada por um casalinho, a quem desejamos as maiores graças do Alto, diz: «Caros amigos. Temos muito gosto em enviar-vos o cheque de X, proveniente do pedatório da Eucaristia do nosso casamento, que anunciamos dedicar-se à Casa do Gaiato. Com votos de que o Senhor continue a abençoar o vosso trabalho, enviamos um abraço fraterno para todos vós.» José Manuel e Ema, que o vosso matrimónio seja num permanente noivado.

Finalmente, a terceira carta, vem de leitora já antiga, de letra apurada: «Caros Amigos. Como faço todos os anos, mais ou menos por esta altura, venho pôr em dia a minha assinatura de O GAIATO. É uma leitura que ao longo dos anos muito

me tem ajudado a encontrar ânimo para suportar as minhas provações, que faz pensar e me consola, como se eu estivesse pessoalmente a conversar com cada um dos que ali escrevem. Julgo que a grande força da Obra da Rua, entre tantas que se

Continua na página 4

PATRIMÓNIO DOS POBRES

Cont. da página 1

Aquele arremedo de habitação não tem condições algumas de conservação. Só uma casa nova, num ambiente novo. Onde tudo não cheira a esterco. Onde sintam acolhimento. Onde as crianças andem vestidas e calçadas como as outras. Onde aquelas mães possam ser respeitadas como tal.

É trabalho de devoção. Tem de ser a Câmara Municipal. Tem de ser a Junta de Freguesia. Tem de ser a Igreja. Têm de ser todos os que ainda têm consciência sensível. É necessário salvar toda aquela família.

Andámos mais um pouco e encontramos o outro ninho de crianças. Aquele casal tem nove filhos, a mais velha de onze anos. Um amontoado de gente. Mas que lindos olhos e que lindas caras todos têm!

Vamos ajudá-los a dividir o sobrado. Vamos fazer a electrificação da casa. Vamos fazer um quarto de banho. Vamos ajudá-los a crescer e a viver.

Regressei a casa carregado e triste. Regressei também com esperança. É com esperança que te quero fazer participante de todas as vidas que esperam por nós.

Padre Horácio

PARTILHANDO

• Já a caminho de Moçambique, olhando as planturas do Ribatejo, vou pensando na multidão de crianças africanas sem o suficiente para serem felizes e brincarem ao sol.

«Sempre que, em cada dia, consigo uma refeição razoável para os filhos, sinto-me feliz». Palavras sentidas dum amigo africano. Este «razoável» fica muito aquém do que seria ideal para uma criança. Ele tem sete filhos. Estes ainda têm um pai que os acarinha e se esforça pelo seu sustento.

Que dizer dos sedentos de pão, de carinho e de um acolhimento?

Vamos vê-los—eu e mais o Padre Acílio. Depois daremos notícias.

• Uma das coisas que mais choca aqueles que conhecem, *in loco*, as carências africanas é o abarroamento nos países evoluídos. Superabundância e, em certos aspectos, estragação.

Há meses, dois amigos que lá dão o corpo e a alma pelos irmãos, depois de aterrarem na sua cidade, resolveram ir matar saudades com uma cerveja e uns petiscos na cervejaria que lhes era familiar.

Através das ruas com as vitrinas

a «saltar», abarrotadas de tudo, sentiram-se enjoados com a torrente de coisas... Não foram. Foram-se deitar, angustiados, sentindo na alma, também, a responsabilidade de tamanha enchente em confronto palpitante com a fome do seu mundo.

Com a chuva de estatísticas e documentários não podemos dizer que não sabíamos. Sabemos. Só que há muita insensibilidade à fome dos outros e um certo consolo com as palmadinhas nas nossas barrigas obesas.

O Tejo corre devagar... Devagar. Parece um lago parado!

Não seremos nós, nesta Europa, um grande lago parado, olhando embevecidos a nossa própria imagem nas margens bonitas?!

Que corrente veloz e solícita quando a cobiça nos levava! Só o amor pode romper os diques para que o lago, de novo, seja rio que cante nas pedras. Urgente... Pois as águas paradas começam a apodrecer.

O comboio vai!

Depois será o avião por cima das nuvens prateadas!

Padre Telmo

SETÚBAL

Um homem que só sabe Direito não sabe Direito.

Foi esta a frase citada por um magistrado na rubrica *Primeira Página* da TV, cujo autor não fixei.

Procurando fixar uma filosofia de direito assente nos princípios arcaicos do Direito Romano já aqui trazidos várias vezes *partus sequitur ventrem*—o parto é do ventre que o gerou—a repórter daquela rubrica fez um filme tentando defender os direitos dos progenitores de três gémeos e uma menina profundamente deformada na face por quemaduras, adoptados por casais nórdicos.

Só os gatos e os cães é que se dão. Uma criança não se dá. É a tradução popular desta errada e ruinosa filosofia que as camadas incultas instintivamente divulgam, absorvem e a ela se sujeitam sem discernimento nenhum.

Ontem estive aqui debulhada em lágrimas uma pobre avó que, há um ano, doída da desgraça do seu neto, mo entregou para ser adoptado. O menino nasceu quando a sua filha, mãe da criança, andava ainda na escola primária. Acoçada na aldeia pela língua popular, saíu para Lisboa e há anos que nada sabe dela.

A criança está muito bem. Adaptada já aos seus pais adoptivos, manifesta uma alegria e um desenvolvimento reveladores de estabilidade e crescimento normal.

Os vizinhos não deixam a desgraçada avó. Alguns cortaram relações com ela, marginalizando-a. Ela tudo tem sofrido por amor a seu neto.

Filmes como este vêm avivar a terrível mentalidade que ao longo de

gerações tem atirado para as prisões, colónias penais, hospitais psiquiátricos, prostituição, etc. milhares de crianças, chegadas à adolescência e juventude.

A repórter, para defender bem a sua opinião, teve o cuidado de não mostrar o interior das habitações dos progenitores e dos padrinhos mas não conseguiu disfarçar o atraso e, até, anormalidade dos progenitores.

Não sei se os clérigos intervenientes costumam visitar os Pobres e se se dedicam de alma e coração à sua defesa e desenvolvimento. Deixaram-nos uma imagem muito negativa, que me entristeceu profundamente.

A TV poderia ter feito um filme muito mais barato apanhando imagens das ruas de Lisboa, observou o mesmo magistrado, e eu acrescento, de Setúbal ou até de outras cidades. Mas a TV tem muito dinheiro para gastar e neste como noutros assuntos busca sempre o sensacional, o apaixonante, sem se preocupar com critérios de verdadeira justiça e de sadio equilíbrio.

Há dias passou por Setúbal, a caminho de um prostíbulo do Algarve, uma menina de 15 anos, vítima de abusos sexuais do progenitor desde os seis anos. Vinha imunda. Numa casa de religiosas que a acolheram, tomou banho e vestiu-se de lavado. Não sabia uma letra. Em termos de maturidade era uma criança. Mas ninguém a demoveu do seu destino. Lá ganha comida e dormida mais mil escudos diários!

Se tivesse sido arrancada, ainda que à força, aos progenitores, em pequenina, e dada a um casal equilibrado, ter-se-ia, naturalmente, feito uma mulher!

Estiveram, graças a Deus, dois magistrados no *Primeira Página* a comentar o filme e a falar de *Direito*.

Continua na página 4

COLABORAÇÃO DOS LEITORES

N. da R.— Condicionados pelo espaço, e para mantermos a tradição, inserimos algumas cartas de leitores que partilham connosco a mensagem d'O GAIATO.

Eliminámos grande parte dos encómios de que não somos dignos e endossamos quanto se revela e omite ao Espírito que nos assiste e dá Força para transmitir o Evangelho do Pobre, mergulhados «num mundo diferente — o mundo de Cristo — tão oposto ao mundo-selva em que vivemos», segundo a palavra dum leitor.

«FAMOSO»

«Aproveito para vos agradecer o bem que me tem feito a leitura d'O GAIATO. Parece que se mergulha num mundo diferente, o mundo de Cristo, tão oposto ao mundo-selva em que vivemos.

Que o Senhor vos ajude, e rezem por nós.

Assinante 29998»

«Escutando um apelo que há muito existia dentro de mim, tornei-me 'ocasionalmente' assinante d'O GAIATO, vai, talvez, para mais de um ano. Desde então não perco a leitura integral do mesmo. Sinto que ela tem sobre mim uma influência grande que muitas vezes me abala, me incomoda... mas que sempre me deixa revestida de um homem novo como diria o apóstolo. Gosto d'O GAIATO, admiro imenso a Obra fundada pelo Padre Américo que bem conheci e que tão bons e tão fiéis seguidores tem tido e só peço a Deus que não deixe desfalecer aqueles que a tão nobre ideal se entregaram.

Assinante 50795»

SETÚBAL

Cont. da página 3

Homens com experiência no Tribunal de Menores de Lisboa e mais não sei onde. Homens que já sofreram na sua carne a tragédia de muitos menores e que souberam ler criteriosamente o filme e comentar com dignidade humana os códigos, os artigos e mais não sei quê das leis da adopção.

O representante da Ordem dos Advogados manifestou-se brilhante nas citações e nas teorias, mas de uma crassa ignorância da vida dos Pobres. Interpretando sempre o nosso direito só com o direito evidenciou as loucuras do mesmo, a mentalidade arcaica que lhe está subjacente a comunhão com os autores e apresentadores da rubrica e fez figura de ignorante. Um homem que só sabe Direito não sabe Direito.

Os países nórdicos de tradição protestante acolhendo tão generosamente crianças degradadas de um Portugal de memória católica, deixam uma forte interrogação às famílias cristãs com capacidade e oportunidade de adoptante.

Padre Acílio

«Que a Paz e a Graça de Deus nosso Senhor esteja com todos aqueles que se amam e formam a grande família, que é a Igreja Viva.

Mas como Igreja Viva a que pertença, venho pedir desculpa pelo acomodamento que tenho tido, acomodamento porque quase há dois anos, senão mais, vos não escrevo, e a grande lição que me dais, é que as vossas notícias me vão chegando, e nelas vejo que não é uma obra dos Homens, mas sim, uma obra de Deus, que o Espírito que vive naqueles que tudo fazem, sem interesse e sem recompensa material, calam bem mais fundo do que a glória dos Homens.

Quero pedir que mesmo que me atrase no pagamento, não me priveis das vossas notícias, pois para mim são um grito de alerta, uma reflexão e um bálsamo. Obrigam-me a olhar para trás e que nada tenho feito pelos Outros. Onde está o meu grito de denúncia, que como membro da Igreja devo fazer? Vejo sim que estou acomodado, e o vosso jornal que me habituei a ler, vem dizer-me que chega de acomodamento, que chega de me preocupar só comigo, mas que tenho de me dar aos Outros sem buscar glória terrena, mas pensar em alcançar glória nos Céus.

Oxalá as vossas notícias me toquem no meu íntimo e ensinem a ver naqueles que sofrem, aquele Jesus que deu a vida pelos Pobres. E que disse um dia: 'Bem-aventurados os que sofrem, e choram, porque serão consolados.'

Assinante 18638»

«Junto envio o meu cheque para ajudar a comprar papel para o jornal O GAIATO.

Aproveito a ocasião para também enviar uma migalha, para a compra de algumas telhas para cobrir o buraco d'algum telhado.

Com um Bem Hajam e pedindo que o Dono da Messe envie as mãos de que a Obra tanto necessita.

Tantos jovens que não sabem o que fazer da vida que o Senhor lhes deu, e os Batatinhas a precisarem dum colinho para os consolarem dos seus desgostos.

Assinante 23376»

«Tenho uns netos, filhos de três filhas.

A Deus peço, de todo o coração, a felicidade deles.

O amor de Deus projecta-se no amor do Próximo. O esquecimento próprio, na busca do bem do semelhante, de olhos postos em Deus, é a felicidade. Já até neste mundo.

Os meus netos contam entre os 9 e os 13 anos, um período de vida em que a semente desabrocha vivamente. E eu queria que ela respirasse o clima do Evangelho, que ela beneficiasse da sua luz e calor.

Ora O GAIATO é a palavra de Deus actuante. É a doutrina e a sua prática fiel. Como chuvinha benfazeja, de quinze em quinze dias, chega aos lares, pronta a embê-los na palavra de Vida Eterna e a revolver as almas nas carências dos nossos irmãos.

Assinante 20613»

Aqui, Lisboa!

Cont. da página 3

fundam no amor a Deus e ao próximo, vem de ser (e de ter sido sempre) uma Obra que põe os actos à frente das palavras e em que os obreiros, desde o Padre Américo a todos os seus continuadores, vivem dia a dia a coerência entre o que dizem e o que fazem. Eu, que não sou católica, sinto que isto é um pormenor sem importância quando se trata de entender a acção da Obra e de alinhar no número dos seus amigos.» Bem haja, minha Senhora, pela oportunidade que nos deu de fazer um exame de consciência sério, porque nem sempre somos aquilo que desejaríamos e muito menos o que as pessoas na sua extrema amizade, pensam de nós.

E terminamos, voltando aos pensamentos de Pai Américo que encimam o «Aqui Lisboa» de hoje. O GAIATO é de facto um mistério, não existindo explicação racional para os seus efeitos, junto de jovens e de maduros, de homens e de mulheres e para os oriundos de todas as cores, todos os credos e todas as posições. Para quem nele, por obrigação escreve, o que deve fazer como quem reza, no dizer de Pai Américo, ao receber os ecos das coisas insignificantes escritas, sente-se invadido da profunda admiração. Sem dúvida que O GAIATO continua a ser um mistério!

Padre Luiz

«O nosso jornal é sempre para mim um rebate de consciência, e como eu gostaria de ser mais útil, mas não me é possível. Gostaria tanto de estar aí, ajudar-vos com as crianças, a ser uma mãe que não fui e que gostaria, mas Deus não quis. Quem sabe quais serão ainda os seus desígnios. Tenho em casa duas crianças de 81 e 82 anos—os meus queridos Pais—e enquanto eles estiverem comigo tenho a minha missão a cumprir.

Assinante 47586»

«Apresento em primeiro lugar as nossas desculpas por só agora estarmos a satisfazer uma obrigação que há já algum tempo tem vindo a ser adiada (ocupações múltiplas e sobretudo bastante descuido).

Queremos hoje pagar a assinatura d'O GAIATO que todos os 15 dias vem até nós lembrando-nos que a nossa casa não termina no último degrau das escadas, mas onde há um irmão, aí está também a nossa família. Cada vez que chega às nossas mãos, sentimos um apelo forte à caridade que se distribui por este pequeno contributo que à grande Obra do Padre Américo destinamos, mas também através da Conferência de S. Vicente de Paulo, da nossa Paróquia.

Queremos dizer muito obrigado pela ajuda que nos vem da leitura e pelo exemplo de generosidade que, aqueles e aquelas que se dedicam a continuar o que Padre Américo iniciou, nos dão.

Assinante 12318»

INQUIETAÇÃO SACERDOTAL

«É domingo. Madrugada funda. Uma expectativa qualquer que me varreu o sono. Aproveito para a oração oficial da Igreja, nesta hora em que a «Igreja» dorme e em tantos sítios o «inimigo» espalha sementes de joio.

Continuo a oração, mas agora por outro livro: a «Boa Nova» da Obra da Rua, de 28/1. Estava aqui, à mão, à espreita de uma aberta de Deus, para entrar e fazer-se ouvir. A melhor maneira de começar este Dia do Senhor: encher a alma e o coração com a Palavra. Repassada de Força e Luz da alma e do coração dos Padres da Rua e dos seus Filhos. Que alguns, ainda pequenos em anos, já mostram bem o brilho da Luz que mora em suas casas.

«Quando li, na edição de 2 de Dezembro, uma futura Economista quer sentir-se mais junto dos Outros, não pude deixar de me recordar do jovem universitário Ozanam, não pude deixar de lembrar os meus próprios dias de estudante de Economia e do privilégio que desde bastante novo tenho tido de integrar Conferências da Sociedade de S. Vicente de Paulo e de ser recebido pelos Pobres. Só espero que essa jovem conheça, em breve, este ou outro movimento de vida de Caridade e possa assim ser mais feliz por poder dar a sua maior riqueza, partilhar o seu tempo de juventude com os mais necessitados, com os que melhor reflectem o rosto de Cristo.

Assinante 12794»

«É com muita alegria que 'O GAIATO' chega até nossa casa.

Gostamos de ler e meditar a mensagem que nos chega através dele. Estamos convosco.

Assinante 14000»

«O meu contributo é pequeno, mas com certeza vai dando para ajudar outros assinantes, que por motivos vários não podem pagar.

Sempre que chega O GAIATO, é para mim uma grande alegria, quase devoro a leitura toda em menos de meia hora, e fico sempre muito contente ao ler o que outros assinantes enviam para a vossa Casa. Oxalá Deus os abençoe pelo bem que praticam sem olhar a quem.

Assinante 13386»

Andava para vos dizer, há semanas: a bela lição do Luís, em Setúbal, nos anos do Nelson Bruno («Famoso»—17/12/88), foi «Evangelho» nas Missas de Natal e compêndio das aulas de Religião na Escola, uma semana inteira. E que bem perceberam os nossos meninos fartos, a lição genial daquele menino pobre. «Ditosa mãe...». Alguns queriam que o Padre Acílio fizesse o Bruno reflectir para partilhar com os amigos, até porque fazia anos... Mas depressa compreenderam o que se teria perdido: uma lição sublime de generosidade, a troca de uma «sábria desorganização». «Obra de Rapazes da Rua» para espelho dos rapazes da fatura.

Assinante 42602



Director: Padre Manuel António — Chefe de Redacção: Júlio Mendes
Redacção e Adm.: Casa do Gaiato — Paço de Sousa — 4560 Penafiel — Tel. (055) 952285
Fotocomp. e imp. offset: Escolas Gráficas da Casa do Gaiato — Paço de Sousa — 4560 Penafiel — Cont. 50078898

Depósito Legal n.º 1239

Tiragem média, por edição, durante o mês de Fevereiro: 73 250 exemplares